

PRÁTICAS EDUCATIVAS ASSUMIDAS ATRAVÉS DA INTERPRETAÇÃO AMBIENTAL: UMA REFLEXÃO A PARTIR DA PERSPECTIVA CRÍTICA.

Kátia Ferreira Santos ¹
Edione Teixeira de Carvalho ²

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa está inserida no campo investigativo da Interpretação Ambiental. O tema de abordagem refere-se à importância da Interpretação Ambiental a partir de práticas educativas que assumam uma concepção crítica, transformadora e emancipatória. O foco da pesquisa é proporcionar aos leitores algumas concepções da Interpretação Ambiental, e ao mesmo tempo, perceber o quanto esta pode contribuir com a Educação Ambiental, quando trabalhada, a partir de uma metodologia que busque a reflexão e a leitura crítica do contexto, que colabora com a transformação socioambiental, provocando tomadas de decisões positivas frente aos problemas ambientais. Desta forma, a presente investigação apresenta importância salutar, devido à necessidade de discutir a inserção no contexto formal e informal da educação práticas educativas de Interpretação Ambiental voltadas as questões socioambientais.

Apesar de incipiente no Brasil, a Interpretação Ambiental é uma atividade que vem se mostrando relevante nesse sentido, pode se tornar ainda mais eficiente quando abordada a partir de uma perspectiva socioambiental e pedagógica. Esta investigação é resultado de uma pesquisa bibliográfica e tem o objetivo de proporcionar uma reflexão sobre a importância da Interpretação Ambiental trabalhada a partir de uma concepção crítica, transformadora e emancipatória.

Ao final desta investigação, enfatiza-se a importância da inserção no contexto formal e informal da educação, práticas educativas de Interpretação Ambiental voltadas as questões socioambientais, além da importância da criação de políticas públicas que estimulem a formação de Educadores Ambientais na perspectiva crítica, para que possam contribuir com a transformação social, através do combate das políticas que favorecem as desigualdades e as injustiças socioambientais.

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ensino IFMT/UNIC, katiaksantos@hotmail.com;

² Professor orientador: Doutora em Ciências Pedagógicas pela Universidad Central Marta Abreu de Las Villas UCLV, Cuba. edione.carvalho@svc.ifmt.edu.br.

METODOLOGIA

A presente investigação é uma pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa de caráter descritivo-interpretativo, pois de acordo com Severino (2007 p. 122) “na pesquisa bibliográfica o pesquisador trabalha com base nas contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos”. Seguindo essa ideia, buscamos livros, artigos e dissertações que abordassem o tema proposto, com o intuito de realizar uma discussão a cerca do tema, à luz dos teóricos que escrevem sobre Interpretação Ambiental.

Para Triviños (1987 p. 110) “o estudo descritivo pretende descrever com “exatidão” os fatos e fenômenos de determinada realidade”, nesse sentido buscar-se-á descrever e interpretar as definições e práticas educativas de Interpretação Ambiental, analisando as possibilidades de interface com a teoria crítica.

DESENVOLVIMENTO

Ao longo da história, vários escritores têm proposto diferentes conceitos em diferentes vertentes para a Interpretação Ambiental. Freeman Tilden, em seu livro Interpretando o nosso Patrimônio, publicado em 1957, foi um dos primeiros escritores a dar uma definição de Interpretação, tendo como objeto os Parques Florestais Yosemite e Grand Canyon, localizados nos Estados Unidos. Na concepção de Tilden (1957), a interpretação se configura como uma ferramenta que cria conexões entre as pessoas e os lugares, que vai além da simples informação, envolve a transmissão de uma mensagem significativa.

Para Ham (1992) a Interpretação Ambiental (IA) envolve a tradução por parte do monitor/professor da linguagem técnica de termos e ideias empregada na ciência natural, para que as pessoas, em geral, não cientistas, possam facilmente compreender as ideias e termos que permeiam ciência natural.

No Brasil, somente em 2006, o Ministério do Meio Ambiente estabeleceu uma definição nacional para IA como “uma maneira de representar a linguagem da natureza, os processos naturais, a inter-relação entre o homem e a natureza, de maneira que os visitantes possam compreender e valorizar o ambiente e a cultura local” (MMA, 2006 p. 17).

Mais tarde, depois de mais uma década o ICMBio a conceituou como: “um conjunto de estratégias de comunicação destinadas a revelar os significados dos recursos ambientais, históricos e culturais, a fim de provocar conexões pessoais entre o público e o patrimônio protegido” (ICMBio 2018 p.16).

Nas concepções de IA referenciadas acima, observamos que esta não se configura na simples transmissão de informações, busca criar conexões entre as pessoas e os lugares, preocupa-se em sensibilizar, desenvolver valores e sentimento de pertencimento do homem com a natureza, mas também percebe-se que são definições que não contemplam a Interpretação Ambiental na dimensão crítica e emancipatória, concluindo que ainda se tem muito a avançar.

A forma como a IA é assumida no Brasil ainda é muito conservadora, muitas práticas são pontuais, fragmentadas, conteudistas e desconectadas do contexto socioambiental, pois são trabalhadas na perspectiva da contemplação e sensibilização para a preservação e conservação da natureza.

Ao Compartilhar da mesma ideia, Witt (2013) salienta que as práticas educativas neste contexto acabam por considerar o meio ambiente como natureza, resumindo-se à fauna, à flora, aos processos biológicos, sem incluir o ser humano. Parte-se de uma concepção puramente conservadora/preservacionista do meio ambiente, ao não considerar os fatores sociais e culturais envolvidos. Witt (2013, p. 40), ainda finaliza e ressalta, que “a sensibilização proporcionada pela vivência acaba se encerrando no indivíduo, não instigando a geração de processos participativos e de intervenção, enquanto deveria se constituir como um dos fatores promotores de tais processos”.

Portanto, as atividades desenvolvidas a partir da concepção de meio ambiente, caracterizadas como conservadoras/preservacionistas reduzem-se ao encantamento e deslumbramento com as belezas naturais. Nesse contexto, as trilhas, ferramenta muito utilizada na IA, assumem caráter conteudistas com atividades, quase sempre pontuais, negando um processo continuado e de maior complexidade, esquecendo-se que a história do ambiente é resultado de um processo do qual o homem faz parte, portanto, coevolui com as demais espécies.

Assim, diferente dessa concepção, parte-se do pressuposto de Ximenes (2015), que ressalta a importância da IA fundamentada numa perspectiva crítica:

A interpretação ambiental está além dos projetos pontuais em trilhas e centros de visitantes, não termina após a experiência vivida em contato com a natureza. O princípio da atividade é possibilitar uma abordagem crítica das relações existentes entre educação, sociedade, trabalho e natureza, que leve a uma reflexão sobre o seu papel na sociedade e a capacidade de utilizar os aprendizados para agir em situações do cotidiano. Assim, a interpretação ambiental pode ser trabalhada de maneira ampla, considerando todo o processo de comunicação e aproximação entre a unidade de conservação e a sociedade (XIMENES, 2015 p. 94).

Ao tratarmos de IA na perspectiva crítica, envolvemos questões históricas, sociais e culturais e demonstramos a interdependência existente entre a espécie humana e o meio ambiente, para além disso, busca a reflexão e a transformação social através do combate das políticas de desigualdades e das injustiças socioambientais.

Perante a relevância do tema, entende-se que o estudo da IA é de suma importância para contribuir com a formação ambiental das pessoas e despertar a necessidade de defesa e luta por uma ambiente ecologicamente equilibrado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Uma prática educativa orientada para a perspectiva crítica organiza-se em torno de intencionalidades previamente estabelecidas, e nesse sentido deveria buscar a transformação coletiva dos sentidos e significados das aprendizagens. Corroborando com essa ideia, Zabala (1998) salienta a importância de trabalhar conteúdos atitudinais que atendam as necessidades e situações reais dos alunos, levando em conta as necessidades pessoais de cada um deles e do grupo-classe em geral. Ainda na consideração de Zabala (1998), a prática educativa deve contemplar:

Processos de reflexão crítica para que as normas sociais de convivência integrem as próprias normas. É preciso ajudar os alunos a relacionar estas normas com determinadas atitudes que se queiram desenvolver em situações concretas e promover a reflexão crítica acerca dos contextos históricos e institucionais nos quais se manifestam esses valores. (ZABALA, 1998 p. 85).

Atualmente um dos grandes desafios da IA é a busca de abordagens teórico-metodológicas que adotem práticas de IA na perspectiva crítica, pois através deste viés há a possibilidade de contribuir grandemente com o trabalho da Educação Ambiental.

Avançando nessa ideia Torres, Ferrari e Maestrelli (2014) no livro Educação Ambiental: dialogando com Paulo Freire, enfatiza que para a formação de sujeitos na perspectiva Crítica-Transformadora dentro da educação formal é indispensável o investimento na elaboração e efetivação de abordagens teórico-metodológicas que valorize o conhecimento que o sujeito traz da sua vida cotidiana, para que assim possa sentir-se inserido no processo de ensino aprendizagem, além disso, a abordagem teórico-metodológica deve dar subsídios para que o sujeito construa concepções de mundo que se contraponham à ideia de que o sujeito é neutro e que a educação é uma via de mão única, onde o professor é o detentor do conhecimento e reproduz práticas fragmentadas, conteudistas e pontuais. Ainda na consideração de Torres, Ferrari e Maestrelli (2014), as práticas educativas na perspectiva

Crítica-Transformadora devem levar o sujeito a inseri-se no mundo, consciente das relações existentes entre sociedade, cultura e natureza.

No Brasil as práticas de IA com base na perspectiva crítica ainda são incipientes. A maioria carece de políticas que visem a formação dos educadores ambientais, a fim de despertar um novo olhar para práticas de IA, uma vez que a concepção que educador possui influencia fortemente na escolha das estratégias de abordagem da IA. Além disso, a concepção do educador pode ser determinante na forma como o sujeito passará a interpretar o ambiente, a partir daquele momento.

Neste cenário Reigota (1994) destaca a importância de conhecermos as concepções de meio ambiente das pessoas envolvidas nas atividades de Educação Ambiental, entre elas, a do próprio educador, pois esta concepção influenciará fortemente a sua prática educativa. Neste contexto, um educador que tem consciência da intencionalidade da sua aula, saberá como esta integra e expande a formação do sujeito, visto que tem consciência do significado de sua ação, tem uma atuação pedagógica diferenciada.

Na realização das atividades de IA, na perspectiva crítica, o educador precisa planejar o roteiro da atividade com rigor metodológico. Um método bem elaborado permite construir nova percepção do sujeito em relação a maneira de ver e de agir em relação ao meio ambiente, e isso não é tarefa fácil, visto que requer uma transposição didática que só se consegue com um bom planejamento. Essa mesma ideia se confirma na concepção de IA de Carvalho e Herrera (2016, p. 39) em que definem a IA como: “aquela atividade educativa que requer ser orientada metodologicamente com o fim de revelar os significados e os valores que os objetos, fenômenos e processos que fazem parte do patrimônio cultural e natural da humanidade, tem para os seres humanos [...]”, portanto é indispensável no planejamento e na execução da atividade, o rigor metodológico, sem o qual, a atividade tenderá ao fracasso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que a IA, quando trabalhada com ênfase em práticas educativas que instiguem o pensamento crítico, se torna extremamente valiosa, pois nesta perspectiva é possível desenvolver nos sujeitos capacidades, habilidades e competências que visem a tomada de decisões e ações positivas frente às problemáticas ambientais, pautadas na justiça ambiental e na transformação social. Por fim, é válido ressaltar a importância da criação de políticas que fomentem a formação dos Educadores Ambientais na perspectiva crítica, para que possam garantir um ambiente melhor as atuais e futuras gerações.

Palavras-chave: Práticas Educativas, Interpretação Ambiental, Perspectiva Crítica, Educação Ambiental.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Edione Teixeira de & HERRERA, Manuel González. **Interpretação Ambiental no contexto Educativo: Estruturação Metodológica e Implementação Prática.** Minas Gerais: Virtual Books, 1996.

HAM, Sam H. **Interpretação Ambiental: um guia prático para gente com grandes ideias e pressupostos pequenos.** Colorado, Estados Unidos: Fulcrun, 1992.

ICMBio. **Interpretação Ambiental nas Unidades de Conservação Federais.** Organizadores: Caetano, A. C, Gomes, B. N, Jesus, J. S, Garcia, L.M, Reis, S. T. Brasília: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio, 2018.

MMA. **Diretrizes para a Visitação em Unidades de Conservação.** Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2006.

REIGOTA, Marcos. **O que é Educação Ambiental.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico.** 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007 p. 122.

TILDEN, Freeman. **Interpretando nosso patrimônio.** Chapel Hill: Universidade do Norte da Carolina Press, 1957.

TORRES, J R; FERRARI, N.; MAESTRELLI, S. R. P. Educação Ambiental crítico-transformadora no contexto escolar: teoria e prática freireana. In: LOUREIRO, C. F & TORRES, J. R. (Orgs.). **Educação ambiental: Dialogando com Paulo Freire.** São Paulo: Cortez, 2014.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

XIMENES, Simone Sousa Freitas. **Interpretação ambiental em unidades de conservação e a perspectiva crítica da educação ambiental: possibilidades para o planejamento e monitoramento,** 2015. 96 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto de Florestas.

WITT, Julia Rovena. **Educação Ambiental em unidades de conservação: a experiência da ação cultural de criação Saberes e Fazeres da Mata Atlântica no litoral norte gaúcho** 2013. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) – Universidade Federal do Rio Grande, Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Rio Grande/RS, 2013.

ZABALA, Antoni. **A Prática Educativa: Como ensinar.** Porto Alegre: 1998.